LIBRARY OF PRINCETON
FEB 13 2007
THEOLOGICAL SEMINARY

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2221unse

No. 1, 3-12 unavailable

ANO XXII — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Março de 1946 — N. 2

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

31 de Março . . . . . *Redação*
Os Fenômenos de Bilocação . . . *Prof. Ernesto Bozzano*
Preito de Saudade . . . . . *Lino Teles*
Invocação Testemunhal . . . . . *Fernando Pereira de Moraes*
Cruzada do Espiritismo de Vivos . *Leopoldo Machado*
Fenômenos . . . . . *Spártaco Banal*
Vida e Perfectibilidade . . . . . *A. Mattos*
Trinta Anos entre os Mortos . . . *Dr. Francisco Klörs Werneck*
Dar e Receber . . . . . *Amadeu Santos*
Interessante Caso de Desdobramento com Materialização . . . . . *Mme. Marques Guedes*
Abaixo a pena de morte . . . . *Sousa Ribeiro*
Crônica Estrangeira . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . *Redação*

ANO XXII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Março de 1946 — NUM. 2

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS
(Registrado no D. I. P. sob o numero 11.565)
FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto n. 301 Oficinas: Rua Ruy Barbosa n. 673

31 DE MARÇO

O dia 31 deste mês registra o 77.º aniversário do passamento do Codificador da Doutrina Espírita, Allan Kardec, que deixou as suas vestes materiais em Paris, na idade de 65 anos.

Para os espíritas, essa é, sem dúvida, uma das maiores datas, porque relembra a passagem, pela terra, de um dos Missionários da Luz, com a tarefa exclusiva de espiritualizar a humanidade de acôrdo com o Evangelho de Jesus Cristo. E essa tarefa êle a cumpriu cabalmente, tornando-se digno do amor e da admiração de todos quantos já tiveram a grande ventura de ingressar na fileira espírita.

Falar circunstanciadamente sôbre a vida e a obra gigantesca de Allan Kardec, que é um dos membros do Paracleto da Promessa, é trabalho difícil em face da carência de espaço, pois o trabalho desse Espírito ilustre, sua vida, sua obra, só podem ser relatados com todos os detalhes num opúsculo bem volumoso.

O que nos preocupa no momento é render-lhe a nossa homenagem sincera e reconhecida, porque a êle devemos os conhecimentos que temos da vida futura e a noção exata que temos dos nossos deveres e das nossas responsabilidades, o que constitue poderoso farol, cuja luz desfaz as densas trevas da nossa materialidade, desvendando-nos os amplos horizontes da vida eterna.

Allan Kardec, com o auxílio dos Espíritos, auxílio sem o qual o Codificador nada poderia realizar, assentou os alicerces da Doutrina Espírita, alicerces que, pela sua consistência, não necessitam de serem reformados pela vã presunção dos «sábios de última hora». Poderão colorir o templo magestoso que se edificou sôbre êsses alicerces, mudar os quadros, os bancos, mas jamais a ninguem, por mais ousado que seja, será permitido tocar nos alicerces, porque os obreiros que os assentaram são dos mais dedicados e dos mais competentes da Falange Celestial, dis-

pensando a intromissão dos «eternos inovadores», que só servem para fazer confusão e causar dúvidas nos mais fracos.

A-pesar-de perseguidas pelos fariseus de todas as seitas e até por fariseus da ciência, as obras de Allan Kardec estão se difundindo cada vez mais, e, com elas, as outras obras espíritas, a ponto das emprezas editoras não venceram os pedidos.

De um artigo do sr. Pagés de Noyez, publicado no «Journal de Paris», de 3 de abril de 1869, reproduzimos o seguinte tópico :

«O presidente da Sociedade Espírita de Paris está morto ; mas o número de adeptos cresce todos os dias, e os corajosos que o respeito pelo Mestre deixava no segundo plano não hesitarão em se evidenciar, por bem da grande causa.

«Esta morte, que o vulgo deixará passar indiferente, não é menos por isso um grande facto na humanidade. Não é mais o sepulcro de um homem, é a pedra tumular enchendo êsse imenso vácuo que o materialismo cavara a nossos pés e sôbre o qual o Espiritismo esparge as flores da esperança».

Allan Kardec vive em nossos corações, e a êle as nossas homenagens num preito de grande estima e admiração.

Os Fenômenos de Bilocação

(Continuação)

Prof. ERNESTO BOZZANO

4.a CATEGORIA

Caso XL. — Com o facto seguinte, assistimos à emissão progressiva, porém muitas vezes interrompida e regressiva, de fluídos do corpo do que morre até a formação completa do «corpo etérico» perfeito, com percepções de entidades espirituais vindas para acolher o recem-nascido no mundo invisível.

O relator-percipiente é o célebre médium Rev. William Stainton Moses, e o fenômeno verificou-se no leito de morte de seu próprio pai. O Rev. Moses publicou imediatamente o relatório na revista *Light* (9 de Julho de 1887), de que então era diretor. Êle escreve :

«Recentemente e pela vez primeira em minha vida, tive ocasião de estudar o processus da desincarnação de espírito. Tantas cousas aprendi nessa experiência que útil me parece narrar aos outros o que vi... Tratava-se de um parente bem próximo, quasi de 80 anos, que se encaminhava para o túmulo sem ter sido atingido por moléstia alguma... Percebi, por certos sintomas, aparentemente insignificantes, que seu fim estava próximo, e acorri a cumprir o penoso dever que em tais circunstâncias nos incumbe...

Com auxílio de meus dons espirituais, pude discernir como, em redor e acima de seu corpo, se formava a «aura» luminosa com a qual o espírito deveria forjar para si um corpo espiritual. Vi quanto ela aumentava em volume e em densidade, si bem que sujeita a contínuas variações para mais ou para menos, segundo as oscilações que experimentava a vitalidade do moribundo. Assim dado me foi constatar como a absorção de ligeiro alimento ou a influência magnética de pessoas que rodeavam o enfêrmo tinham o efeito de, por vezes, avivar momentaneamente seu corpo e obrigar o espírito reintegrá-lo. Assim a aura aparecia mais ou menos luminosa segundo o fluxo e o refluxo. Eu assistia ao mesmo processus durante 12 dias e 12 noites, e posto que

desde o sétimo dia o corpo mostrasse sinais evidentes da catástrofe iminente, essa curiosa flutuação da vitalidade espiritual em via de exteriorização, se prolongou da mesma maneira. Por intervalos, mudava a côr da aura, a qual assumia, além disso, formas cada vez mais definidas à medida que para o espírito se aproximava a hora do livramento. Foi somente 24 horas antes da morte, quando o corpo jazia inerte, as mãos cruzadas sôbre o peito, que vi aparecerem «anjos de guarda», que avançaram para o moribundo e, sem esfôrço algum, fizeram sair o espírito do corpo esgotado.

Simultaneamente os familiares declararam que o corpo estava morto. Podia ser que assim fosse. Com efeito, o pulso e o coração não davam sinal algum de vida, o espêlho não se embaçava ao seu hálito. E todavia, os «cordões magnéticos» ainda ligavam o espírito ao cadáver, e ainda permaneceram durante 38 horas. Eu observo que, se nesse período interviessem condições favoráveis, e se uma vontade poderosa tivesse agido sôbre o cadáver, possível teria sido chamar o espírito ao corpo. A ressurreição de Lázaro não se teria realizado em tais circunstâncias? Quando finalmente se romperam os «cordões fluídicos», os traços do defunto, que exprimiam os sofrimentos suportados, tornaram-se completamente serenos e assumiram inefável expressão de paz e repouso».

O caso relatado é sobretudo interessante pelo facto de se assistir a todas as fases de desdobramento do «corpo éterico» e do «corpo carnal» até a completa formação do primeiro, com a visão que se seguiu de defuntos que acorreram para receber o espírito recem-nascido.

Bem se compreende que a percepção total do fenômeno tal qual foi descrito, somente está reservada aos olhos de «sensitivos» e de médiuns. Razão por que são tão raros, os casos de ordem *coletiva* nesta categoria de manifestações. O que contrasta curiosamente com o outro facto de, nas «aparições de defuntos» no leito de morte, fenômenos complementares dos que aquí estudamos, muito frequentes serem os casos de percepções coletivas e sucessivas dos mesmos fantasmas de defuntos.

De todos os modos, facto é que em minhas classificações somente quatro casos se encontram de visão *coletiva* do «corpo etérico» perfeitamente separado no leito de morte, com esta particularidade que prefiro não utilizar, seja por causa da forma anedótica dos relatos, seja por causa da insuficiência de detalhes.

Vou, pois, relatar outros dois casos do gênero, de ordem coletiva, mas que se desenrolam algum tempo antes da morte de pacientes. Do que ressalta tratar-se bem ainda nessas contingências, de um fenômeno de «desdobramento» espontâneo e passageiro de pessoas vivas, e não dessas emanações vitalizantes do organismô humano que concorrem para a elaboração difinitiva do «corpo etérico», quer dizer, do «invólucro do espírito». Existe uma diferença entre as duas ordens de fenômenos, mas, no fundo, ela é mais teórica do que prática.

(Continua.)

Tudo evolúe, tudo progride no mundo, no universo, na natureza! A própria natureza é testemunho e dá testemunho do progresso, da evolução que constitúe a Lei Suprema de Deus.

Partindo do mínimo para o maximo, nós vemos traçadas com letras indeléveis no plano da natureza, a palavra: — Evolução! — começando do máximo para o mínimo, se salienta com exuberância a sentença que inspirou o filósofo, para em altos surtos do pensamento glorificar a Deus: *Semper Ascendens!* — CAIRBAR.

PREITO DE SAUDADE

Por LINO TELES

ESTE mês recordamos o oitavo aniversário da desencarnação do querido irmão de lutas Cairbar Schutel, um dos mais fervorosos pioneiros do Espiritismo no Brasil, um missionário que realizou obra muito acima do que podem fazer os homens comuns do planeta. Pobre, sem instrução superior, sem auxílio humano, numa pequena localidade do interior, Cairbar Schutel realizou a transformação de si mesmo e do seu meio. Sem instrução, transformou-se pelo estudo em mestre dos outros, em autor fecundo e inesquecível. Pobre, estabeleceu o jornal espírita mais difundido do país com oficinas próprias, fundou e perpetuou uma bela revista, publicou uma série de catorze volumes doutrinários, alguns dos quais já alcançaram várias edições ou foram traduzidos em outras línguas. Todos êsses continuam produzindo o fruto bendito de esclarecer as conciências.

Cairbar Schutel possuía aquela fé que transporta montanhas, filiada a uma humildade que pode transformar o mais simples dos homens em sábio e santo. Com êle correspondiamos quasi diáriamente durante os seus últimos vinte anos de vida terrena, e recebiamos de suas virtudes os mais edificantes exemplos.

Nada mais houvesse realizado êsse pioneiro, além de montar uma oficina e distribuir pelo Brasil semanalmente um jornal espírita com a lista completa dos livros doutrinários, e isso durante quarenta e um anos, e já lhe deveriamos muitissimo do que hoje é o Espiritismo no Brasil. Dez mil exemplares de O *Clarim* recordam sem cessar a necessidade de estudarmos e termos uma bibliotéca espírita.

Achando, porém, que O *Clarim* só interessava à gente simples e que temos deveres também para com os outros irmãos, Cairbar teve a idéia de fundar uma revista luxuosa em excelente papel, ilustrada e tratando principalmente do aspecto científico do Espiritismo. Achávamos uma temeridade tal iniciativa e a desaconselhamos, mas fomos vencidos pelo otimismo do apóstolo. Escrevia-nos êle por êsse tempo: «Dará muito prejuizo, sim, mas isso não importa, os Caros Espíritos me aconselharam a fazer e disseram que V. também ajudará. Mãos à obra, pois, e havemos de vencer!» A Revista quasi não tinha assinantes, era distribuida gratuitamente, mas de vez em quando um leitor apontava um êrro nosso, e isso era motivo de grande júbilo para o editor. Remetia-me a crítica e uma carta, entusiasmado: «Como vês, a Revista está sendo lida!»

Quando chegou a ter quasi um milheiro de assinantes escreveu-me com grande alegria: «A Revista já tem quasi mil assinantes. Aproxima-se o tempo em que ela terá vida própria!»

Hoje a Revista tem vinte e um anos feitos, mas não sei nem quero saber se já tem vida própria. Sei é que *Reformador* aos 64 anos ainda depende muito da bolsa materna para poder viver. Se eu perguntasse aos continuadores da obra de Cairbar Schutel, talvez, por uma piedosa fraude, me dissessem que a Revista já não lhes dá prejuizo *quasi* nenhum. A verdade muito consoladora é que ela continua aparecendo com toda a regularidade ao entrar em seu 22.º ano, e isso prova que a obra de Cairbar Schutel encontrou continuadores dignos de seu nome.

Vamos recordar aquí aos leitores de *Reformador* os títulos dos livros que continuam cumprindo a missão apostólica de Cairbar Schutel. Foram todos editados e vão sendo reimpressos na Editora de O *Clarim*. Eis os títulos:

Interpretação Sintética do Apocalipse, 6.ª edição.
Parábolas e Ensinos de Jesus, 5.ª edição.
O *Diabo e a Igreja*, 4.ª edição.
Médiuns e Mediunidades, 4.ª edição.
Cartas a Êsmo, 3.ª edição.
Espiritismo e Protestantismo, 3.ª edição.
O *Espírito do Cristianismo*, 3.ª edição.
Vida e Atos dos Apóstolos, 3.ª edição.
Gênesis da Alma, 3.ª edição.
Conferências Neo-Espiritualistas Radiofônicas.
Os *Factos Espíritas e as Fôrças X...*
Espiritismo e Materialismo.
A Vida no Outro Mundo.
Histeria e Fenômenos Psíquicos.

De algumas obras não sabemos quantas edições já foram tiradas. Por um dos livros, vê-se que Cairbar Schutel foi pioneiro da propaganda espírita pelo rádio, pois que em 1936/37 irradiou pela «Rádio-Cultura de Araraquara PRD 4» uma série de palestras que mais tarde publicou num volume de 206 páginas que poderá servir de modêlo aos novos propagandistas Que saibamos, ninguém mais publicou em forma de livro suas palavras radiofônicas e mesmo o autor destas linhas poderia tê-lo feito, deveria ter reunido suas palavras radiofônicas em volume para ajudar o trabalho dos novos.

Destas poucas linhas, vê-se que o saudoso Cairbar Schutel foi um dos mais, senão o mais dinâmico trabalhador da Seára e precursor da obra do livro espírita no Brasil.

Com servidores tão dedicados no plano espiritual, a nos guiar, nada devemos temer nos empreendimentos a favor da doutrina. Tudo será vencido galhardamente por êles.

De «Reformador», de Janeiro de 1946.

INVOCAÇÃO TESTEMUNHAL

DEUS ! — eterna fonte geradora do infinito — causa e efeito, efeito e causa, do Todo inextinguível — suprema inteligência a palpitar em todo universo — luz criadora de todas as luzes a pairar sempre no incomensurável além do imaginável — fóco vital e conciênte de todas as vibrações universais — incógnito saber que se plasma na verdade eterna — eterna e incógnita verdade que se faz luz na inteligência — inteligência que se irradia e se manifesta através de imaculadas e infalíveis leis — onipotente consubstanciação da infalibilidade das leis atuantes no grande e sábio PORQUE da desdobração da vida em suas múltiplas modalidades — verbo soberanamente lúcido da razão de ser das infinitas manifestações e inimagináveis metamorfoses da vida em sua sutilíssima e transcendental complexidade — imortal inteligência do eterno poderoso a projetar-se ininterruptamente dos sublimes segredos dos tempos e do espaço — EU SOU — ó DEUS ! — embora pequenissima — MAS SEI QUE SOU — uma inegável parcela do VOSSO testemunho aquí na terra, porque sou uma partícula da VOSSA obra, um átomo da VOSSA inteligência a despertar-se na vida Universal captando das VOSSAS intangíveis vibrações as vibrações da minha vida real no tempo e no espaço.

DEUS ! ó DEUS ! — sinto-me imortal em VOSSA própria imortalidade. — Sei que, como a VÓS, também coisa alguma jamais me aniquilará, porque, EU, em verdade, sou minha própria inteligência e ela é VOSSA sublime emanação. — Eu sou minha inteligência, e minha inteligência é o meu único, verdadeiro e indivisível SÊR. — O meu SÊR que, também em verdade, sou EU mesmo, sente-se, em espírito, concientemente integrado em seu lúcido estado de imortalidade — e, porque assim é, EU, partícula do IMORTAL, serei eternamente — ó DEUS ! — onde quer que me encontre, dentro ou fóra da matéria, o lídimo e inextinguível testemunho, (mesmo que não o quisesse), da VOSSA e da minha própria IMORTALIDADE no ETERNO PRESENTE.

Fernando Pereira de Morais.

(Itapetininga — E. S. Paulo, 1/1/46).

Cruzada do Espiritismo de Vivos

Leopoldo Machado ——— *(Continuação)*

A verdadeira função dos centros espíritas ainda está, para nós, por ser observada.

Função que serve ao espiritismo de hoje e do futuro.

Que deve servir, principalmente, ao espiritismo do futuro.

Função que não deve ser, é óbvio, a do comércio exclusivo com os mortos, a de sessões mediúnicas e práticas doutrinárias sómente para grandes, a da distribuição de receituário e medicamentos, de passes e água fluida.

Tudo isso é, não ha negar, espiritismo.

Mas, o Espiritismo é que não é sómente isso...

A principal função dos centros deve ser a formação de consciências cristãs, pelo estudo.

E' a espiritualização dos lares espíritas.

E' a da educação espiritual dos jovens e das crianças.

E' a de nossa reeducação espiritual.

Centro espírita a que falte uma escola bem organizada, uma boa aula de educação moral às crianças, uma animada juventude espírita, um agrupamento feminino interessando nos serviços de formação de lares espíritas e de assistência social, não passará, talvez, de uma antecamara da mansão dos mortos.

Trabalhar, pois, inteligentemente, alegremente e continuadamente o espírito feminino, a inteligência e o coração do jovem e da criança, é trabalho bem mais proficiente para a hora que passa e para o futuro da Doutrina.

Objetivo êste, que só o Espiritismo de vivos pòde realizar.

* * *

Espiritismo de vivos é o que ilumina encarnados e espiritualiza vivos, afim de que, amanhã, desencarnados, de volta á Espiritualidade, não precisem baixar ás nossas reuniões mediúnicas, para serem espiritualizados e cristianizados.

Dar e esclarecer em vida e a vivos, é mais, muito mais do que esclarecer e dar somente a espíritos.

E' trabalhar para o futuro da Doutrina e da Humanidade, servindo, concomitantemente, á Humanidade e á Doutrina, também, no presente.

A criatura esclarecida por êsse espiritismo, entra a desfrutar, imediatamente, as vantagens da Doutrina.

Não se perturba depois de desencarnado, nem perturba, baixando ou subindo ás sessões os outros.

E está combatendo o bom combate de contribuir para a formação das verdadeiras gerações espíritas do futuro.

Repitamos sempre : a maior dificuldade, os programas !

Haja, porém, autoridade moral e capacidade cultural da parte do que se põe á frente de tais programas difíceis, e terse-á conseguido tudo !

Autoridade moral, ainda mais do que capacidade intelectual, a par de muito bôa vontade de acertar, é o que mais xige um movimento desses...

Autoridade moral inerentes a atos, exemplos e factos.

Tais argumentos convencem e produzem mais do que palavras bonitas, discurseiras retumbantes !

Sem que o prègador procure ser o modêlo do que prèga—e 90 °/o das criaturas só se deixam levar por prègações, levando em conta os prègadores !— nada se terá conseguido...

Conhecimento integral do que prèga, a par da autoridade moral, vale por importante percentagem para êxito.

Diz-se, a miude—principalmente os que procuram justificar sua cultura—que «em espiritismo não ha mestres».

Realmente, assim é de um modo geral.

Se, porém, mestre é, quem ensina o que se ignora, todo irmão que expõe pontos de Doutrina ainda desconhecidos, ou mal compreendidos pelos assistentes, está exercendo funções de mestre, não ha dúvida.

Não ha «mestres em Israel», doutores da Lei e sacerdotes assalariados para ensinar, a dentro do Espiritismo, é facto.

O «no espiritismo não ha mestres»,

que se repete por aí, é responsável por muita incompreensão, por algum orgulhozinho generalizado, exatamente entre 90 % dos que usam a expressão, arvorados, a seu turno, a mestres...

A ausência—ousamos afirmá-lo, de conhecimentos gerais e de autoridade moral, eis as causas principais da escassez de frequentadores às reuniões de estudo de muitos centros espíritas.

E' a causa principal das reuniões de estudos andarem vasias, contrastando com a enchente às chamadas de «trabalhos práticos».

Pudéra ! Aquilo que póde beneficiar a saúde e satisfazer a curiosidade, atrai mais do que aquilo que enfastia, que faz dormir.

Nem adultos de bom senso conseguem assistir, interessados, a sessões, que, além de começar e terminar com preces de légua-e-meia, cheias de pedinchamentos, ainda se arrastam enfastiando, narcotizantes...

* * *

O *método para atrair*, atualmente, a ambientes espíritas, já não póde ser o mesmo de cincoenta anos atrás.

Parece que deve ser menos áspero e mais alegre, que convide á meditação e ao espairecimento espiritual.

Que, a um só tempo, doutrine e ensine, recreie e conforte.

Ambientes de câmaras-mortuárias já não podem — repetimos — agradar a espíritos amadurecidos, quanto mais a crianças, jovens e senhoras.

E, num programa de Espiritismo para o presente e futuro, mais para o porvir do que para a atualidade, é dessa gente que se deve e se tem de cuidar, principalmente.

Insistimos, ainda, no programa, como a solução para o problema.

A exposição clara e sintética da Doutrina conjugada ao ensino evangélico e à observação de factos concretos, a postulados dos conhecimentos gerais das coisas e ao testemunho da História, numa explanação doutrinária, é de um efeito extraordinário numa sessão de estudos.

O Espiritismo não é doutrina que deve ser prègada somente dentro dos livros como o protestantismo é prègado dentro da Bíblia e o catolicismo dentro dos livros para a igreja sagrados.

O Espiritismo tem que ser prègado dentro da Vida, dos factos da ciência, dos ensinamentos evangélicos, das lições da História.

Expostos seus ensinamentos à luz dos Evangelhos, o mais belo código de sabedoria e moral que se conhece sob o abono da ciência, a coisa mais positiva que se julga e convidada a História, «a mestra da Vida», para a confirmação das lições evangélicas e dos factos espíritas, o interêsse que, assim, o Espiritismo despertará, é sem conta.

E os que não dispuserem de recursos intelectuais para tanto ? — perguntar-se-á.

O Espiritismo não é Doutrina de Educação ?

Não é doutrina da qual «se disse a primeira palavra e nunca se dirá a última»?

Assim, sem estudos sérios e metódicos, impossível ser um expositor à altura dos merecimentos da Doutrina Espírita.

Daí, ser aconselhável a reunião, vez por outra, de expositores de bôa vontade de uma zona, para estudos em conjunto e troca de impressões, conhecimentos e observações, uns auxiliando os outros, os que têm mais dando aos que tem menos, numa contribuição sincera para a unidade doutrinária.

Era isso, aliás, o que faziam os primeiros cristãos, a exemplo dos apóstolos.

Método aplicável às reuniões de estudos e às conferências.

As conferências espíritas, bem articuladas, são de incalculável valimento.

Dispõem, mais do que as reuniões ordinárias, espíritos e corações para a Doutrina.

O conferencista é o semeador.

Lança, por onde passa, a bôa semente, que deve ser regada e cuidada pelos *jardineiros do espírito*, os dirigentes do centro ou do meio visitados.

Rega e cuidados que implicam no reavivamento, através de outras conclusões e ilações ajustáveis ao meio, do que foi exposto e ensinado.

Mas, o conferencista deve ser, sôbre tudo, claro, preciso, lógico, substancioso.

E deve preferir à conferência lida, por mais substanciosa que seja, a improsada, que agrada mais, que não leva a assistência a ficar calculando as laudas que faltam para acabar, que ensancha descul-

pas para possíveis enganos e trocas na posição da matéria.

Se, entretanto, o orador não fôr capaz, póde até destruir, com idéias, conceitos e críticas insensatas que exponha, o trabalho construtivo que «os jardineiros do espírito» locais, vinham realizando...

* * *

As Reuniões Festivas exigem mais.

Um pouco de bôa literatura e de bôa arte, de teatro educativo e alegria cristãs misturados a peças doutrinárias.

E música suave, e canto espiritualista, tudo que possa sensibilizar, extasiar.

O teatro principalmente.

O *Teatro Espírita* é fator dos mais preponderantes no serviço da educação, recreação e propagação do Espiritismo.

Como o foi em muitas doutrinas, das que mais se desenvolveram.

A Igreja de Roma dêle se serviu, juntamente com a formação das mentalidades infantís, para dominar.

Na época de seu maior fastígio, e nos países em que mais imperou, as representações teatrais estavam nas mãos dos reverendos.

E era as igrejas, transformadas em teatro, que o povo corria a aplaudir os «mistérios» e os «atos», nomes que se davam ás representações teatrais.

Atos e mistérios da vida de Jesus e dos «santos».

Um programa teatral — e teatro é, incontestavelmente, a melhor escola de educação e de arte por excelência, para sacudir sensibilidades e despertar emoções!—um programa teatral de verdade —e aquí pusemos, propositalmente, êste *de verdade*, por compreendermos, que teatro para ambientes espíritas, ou para ser influenciados pela Doutrina Espírita, não deve, nem póde ser êste que vemos por aí, a miude, cheio de coisas profanas, que não educa, nem emociona; que só faz rir quasi que parvamente — póde fazer mais do que dezenas de conferências.

Teatro para ambientes espíritas, ou que o Espiritismo quer influenciar, deve e tem que ser espiritualista, educativo, espírita.

Não comporta peças profanas, números insôssos e mal ensaiados.

O teatro espírita de verdade, doutrina e convence mais do que meia duzia de prègações e conferências substanciosas.

E interessa a espíritas e não-espíritas; a velhos, senhoras, jovens e crianças.

A existência de um núcleo teatral bem orientado, anexo a cada centro ou escola espírita, que represente sómente coisas espiritualistas, doutrinárias, educativas, de bôa literatura e bôa arte, além de alto serviço de propaganda, educação, recreio, serve, ainda, de fonte de recursos para a própria manutenção do programa, ou para atender, financeiramente, a outras finalidades humanitárias, mantidas pelo centro, ou pela escola.

Ainda não podemos compreender as finalidades superiores da representação de peças profanas, sómente para distrair, nos palcos de centros espíritas.

Entre outras muitas incoerências, emerge do êrro, aliás tão comum, esta:

As peças espíritas — e já as possuimos algumas, podendo aparecer outras, por fôrça de estímulos fortes! — só mesmo nos palcos dos centros espíritas serão representadas.

As profanas, entretanto, têm, ao seu dispôr, os teatros lá de fóra, os rádios, os picadeiros, tudo!

Levá-las, ainda, para os ambientes espíritas, é crime contra o legítimo teatro espírita. E, até contra a Doutrina mesma.

Duplo crime, se forem peças, apenas, para fazerem rir.

E nem se alegue que fóra dos centros as nossas peças não seriam toleradas.

Principalmente para certas platéias deseducadas, que confundem teatro com chalaça, visto como só compreendem teatro feito motivo de fazer rir.

Maior serviço, então, neste caso, para o nosso teatro: educar e espiritualizar as massas.

Uma experiência animadora, que nos autoriza a afirmar o que aí está, é a que temos levado a efeito por cá, em nosso meio.

Nossos moços da «Juventude Espírita», nossas crianças da «Escola João Batista» e do «Lar de Jesus» e da «aula de moral cristã» mantêm seu teatrinho.

Suas récitas atraem assistências que superlotam o salão.

Todos êsses programas vão produzindo mais e melhor a prol da difusão

da Doutrina e da preparação de futuros espíritas, do que as reuniões puramente teóricas, do que as sessões simplesmente mediúnicas...

Obras de assistência social, que amparem, principalmente, crianças, nos moldes do LAR DE JESUS, e que reunam, se possível, muitos centros num movimento confraternativo, a prol de programas de experimentação, aproximação e ação implicam fatores excepcionais do espiritismo de vivos e para vivos.

Frizamos *principalmente que amparem crianças*, por tratar-se de obras de maior eficiência.

Não se nega altruismos e renúncias ás obras de amparo á velhice, de recolhimento a enfêrmos e obsessos.

Estamos mesmo em que, em tais obras ha mais renúncias e sacrifícios.

Não apresentam a alegria e a inocência irrequietas das crianças.

Entretanto, amparar crianças, educando-as bem, é maior serviço prestado á sociedade de hoje e do futuro; é construir a nacionalidade e a humanidade de amanhã, além de ser maior aproximação Daquele que disse: «Deixai vir a mim os pequeninos. Quem receber um desses pequeninos em meu nome, é a mim que recebe».

(Continua).

Fenômenos

O DESAPONTAMENTO E CONVERSÃO DE UM CÉPTICO

Das doutrinas que têm a sua base fundamental no Evangelho do Cristo, nenhuma teve a primazia de fazer tão grande número de prosélitos, e em tão curto prazo de tempo, como a Doutrina dos Espíritos, não obstante a guerra de calúnias que lhe movem os seus inimigos da terra e do espaço. O Espiritismo será, incontestavelmente, a «*religião universal do futuro*», como bem dizia o inesquecível companheiro Léo Quadrio. Êle continuará no decorrer dos séculos arregimentando os soldados da fé cristã, afim de unir todas as criaturas numa só família, sem distinção de nacionalidade ou raças.

Por isso os espíritos incumbidos de universalizar os princípios divinos da Nova Revelação, não cessam de, em toda a parte do universo, atestar a sua presença aos homens incréos para que se convertam e saibam que a nossa alma é imortal e que se comunica com os seus irmãos da terra.

Constantemente os jornais de todos os paizes do mundo nos dão detalhadas notícias sôbre casos de conversões à doutrina dos espíritos, efetuadas pelas entidades que vivem no além túmulo. Neste sentido há, também, milhares de volumes espalhados pelo mundo, onde homens eminentes registraram o resultado de suas experiências espiríticas.

O interessante caso de conversão que vamos citar é narrado pelo professor Augusto de Morgan, que foi secretário da «Real Sociedade Astronômica de Londres».

E' assim que o transcreveu do livro "*From Matter to Spirit*" de autoria daquele professor, um confrade de São Paulo:

«Augusto de Morgan narra um facto a que assistiu na sala de jantar de um amigo, na qual nove pessoas tomaram assento em redor da messa. Um cavalheiro presente que se exprimiu de modo céptico em relação aos poderes invisíveis, não quís tomar parte na

sessão e sentou-se em um sofá apartado do grupo. Uma mensagem tiptológica convidou todos a ficarem de pé em tôrno da mesa sem contacto com ela. Todos assim se conservavam havia um quarto de hora, e quando alguns supunham que estavam ludibriados pela fôrça desconhecida, e já propunham interronper a experiência, a pesada mesa estremeceu. Mais um momento, e o movel sem que pessôa alguma o tocasse, deslocou-se, rompeu o círculo e rodou resolutamente em direção ao cavalheiro isolado a quem foi apertando videntamente contra o encôsto do sofá, até que o céptico impressionado gritou:

«Pára!... basta!...»

E' assim que os adversários inconcientes se tornam crentes concientes.

Spártaco Banal.

Vida e Perfectibilidade

«Jesus tomou o pão, e, abençoando-o, o partiu, e o deu aos discípulos, e disse: Tomai, comei, isto é o meu corpo. E tomando o calix, e dando graças, deu-lh'o, dizendo: *Bebei dele todos;* porque isto é o meu sangue, o sangue do Novo Testamento, que é derramado por muitos, para remissão dos pecados» Mateus, XXVI, 26, 27 e 28; Marcos, XIV, 22, 23 e 24; Lucas. XXII, 19 e 20; Cor., X, 16 e 17; XI, 23, 24 e 25).

O mais sublime ensinamento sôbre a vida, como meio de perfectibilidade constante, não tem sido compreendido e praticado, como devêra ser. Por intérmedio da vida corporal se atinge a elevação da vida espiritual. A reencarnação é o meio, e a educação divina é o fim. A Sabedoria Divina concede-nos o sublime aparelho físico terrestre para as nossas aquisições eternas.

No livrinho super-edificante que a Federação Espírita Brasileira acaba de editar sob o título de MISSIONÁRIOS DA LUZ, ditado por um Espírito de grande elevação moral e intelectual que tomou o pseudônimo de André Luiz, à mediunidade dedicada e feliz de Francisco Candido Xavier, encontramos os seguintes ensinamentos, (página 103):

«O corpo é instrumento elevado nas mãos do artista, que deve ser divino. Se aspirais ao desenvolvimento superior, abandonai os planos inferiores. Se pretendeis o intercâmbio com os sábios, crescei no conhecimento, valorizai as experiências, intensificai as luzes do raciocínio! Se aguardais a companhia sublime dos santos, santificai-vos na luta de cada dia, porque as entidades angélicas não se mantêm insuladas nos júbilos celestes e trabalham também pelo aperfeiçoamento do mundo, esperando a vossa angelização! Se desejais a presença dos bons, tornai-vos bondosos por vossa vez! Sem afabilidade e doçura, sem compreensão fraternal e sem atitudes edificantes, não podereis entender os Espíritos afáveis e amigos, elevados e construtivos. Se não seria razoável encontrar Platão ensinando filosofia avançada a tribus selvagens e primitivas, nem Francisco de Assis operando com salteadores, não será admissivel a integração dos Espíritos esclarecidos e santificados com as almas rigorosamente agarradas ás manifestações mais baixas e grosseiras da existência carnal. Em vossas atividades espiritualistas, lembrai-vos de que não vós encontrais perante uma doutrina sectária de homens em trânsito no planeta! Permaneceis num movimento divino e mundial, de libertação das conciências, numa revelação sublime de vida eterna e de valores imortais para todas as criaturas de boa vontade!

. . . . . .

«Jamais quebreis o fio de luz que nos liga, individualmente, ao Espírito Divino! Não permitais que o egoísmo e a vaidade, os apetites inferiores e as tira-

nias do «eu» vos empanem a faculdade de refletir a Divina Luz. Recordai que em nossa capacidade de servir, em nossas posições de trabalho, estamos para Deus como as pedras preciosas da Terra estão para o Sol criador — quanto mais nobre a pureza da pedra, mais possibilidades apresenta para refletir o brilho solar!»

Mas, para a compreensão da sublimidade daqueles ensinamentos, em que a profundeza não pode medir-se pela singeleza e a simplicidade, porque simples foram os homens que tiveram a dita de ouvi-los e escrevê-los, tornaram-se necessários milênios, até que a fé religiosa, a filosofia confortadora da imortalidade e a ciência enobrecida se foram colocando a serviço da razão iluminada.

Sob a égide da Graça, como concessão divina ministrada com sacramentos materializados, colocou-se o problema da salvação das almas sómente sob a Vontade Divina, sem nenhum esfôrço humano.

Por mais que nos Evangelhos encontremos referências diversas, em várias passagens, sobre a vida corpórea, designando-se o corpo humano como o templo em que se instala a centelha divina, que é a alma, para a constante e indispensável purificação; nosso apêgo á letra dos sublimes Escritos Divinos, e á vida material, entretanto, muito têm retardado a verdadeira compreensão de tão profundos ensinamentos.

Sendo o corpo humano o templo material de duração temporária, a que o próprio Divino Mestre denominou Templo do Senhor, que se sustenta da matéria e do espaço, para a produção do sangue, que é a seiva da vida, necessário é que assim o compreendamos, como veículo, para a edificação do Espírito imortal.

O corpo e a alma necessitam de alimento constante. Aquêle, para a sua vida transitória de meio, e esta, para a sua perfectibilidade infinita, de finalidade da vida.

Mas o homem só tem sabido abusar da evolução material, transformando as prodigiosas dádivas divinas em fôrças de destruição e miséria. A ignorância, a vaidade e a má-fé permanecem incapacitadas por si próprias, traçando fronteiras de limitação por si mesmas. O discernimento sôbre a razão de ser da vida terrena pede muito estudo e observação. Sem um grande esfôrço intelectual e um rigoroso empenho moral, de continência e seleção, não se pode discernir livremente e com acerto.

Grande é a responsabilidade do homem, em frente ao corpo material, cumprindo-lhe dispensar-lhe o maior cuidado, para que não seja malbaratado, e, a-fim-de que, por intermédio do mesmo, possa colher a maior soma possível de bens espirituais. O apuramento moral e a iluminação intelectual são infinitos. Da animalidade perversa de um Gestas à espiritualidade ilimitada de Jesus, inatingida por outros sêres até agora vindos à Terra, a trajetória é imensa e os erros constatados na vida humana muitas vezes a tornam ainda mais extensa e infortunada.

Ensina, em outra passagem, o precioso livrinho a que nos referimos, com o maior reconhecimento aos seus elaboradores, que: «O corpo humano é um patrimônio herdado há milênios, que a Humanidade vem aperfeiçoando, através de séculos. O plasma, sublime construção efetuada ao influxo divino, com a água do mar, nas épocas primitivas, é o fundamento primordial das organizações fisiológicas. A reencarnação é o curso repetido de lições necessárias. A vida terrena é uma escola divina. E o amor, por intermédio das atividades «intersessórias», reconduz ao banco escolar da carne, milhões de aprendizes, diáriamente.

A criatura renasce com independência relativa e, por vezes, subordinada a certas condições mais ásperas, em virtude das finalidades educativas, mas semelhante imperativo não suprime, em caso algum, o impulso livre da alma, no sentido de elevação, estacionamento ou quéda em situações mais baixas. Existe um programa de tarefas edificantes a serem cumpridas por aquele que reencarna, onde os dirigentes da alma fixam a cóta aproximada de valores eternos que o reincarnante é suscetível de adquirir na existência transitória. E o Espírito, que torna á esfera da carne, pode melhorar essa cóta de valores, ultrapassando a previsão superior, pelo esfôrço próprio intensivo, ou distanciar-se dela, enterrando-se ainda mais nos débitos para com o próximo, menospresando as santas oportunidades que lhe foram conferidas.»

«Todo plano traçado na esfera superior tem por objetivos fundamentais o bem e a as-

cenção, e toda alma que reencarna na Terra, ainda aquela que se encontra em condições aparentemente desesperadora, tem recursos para melhorar sempre.»

O simbolismo do Corpo do Divino Mestre ressalta a indispensabilidade do pão alimentar quotidiano; e o do vinho, a seiva da vida, na senda da espiritualização perfectiva infinita, o meio por que o homem pode alcançar a salvação. Necessidades indispensáveis e quotidianas para a salvação de toda Humanidade. Na Epístola citada de Paulo aos Coríntios, X, 17, entra êle no seguinte detalhe: «Porque nós, sendo muitos, somos um só pão e um só corpo: porque todos participamos do mesmo pão.» E' por intermédio desse corpo que podemos, através de muitos séculos e de muitas vidas, fazer jus a um corpo tambem eterno, mais assimilavel á Alma Humana, de origem divina. Mas a cada um, proporcional e sucessivamente, segundo suas obras. Todo o nosso esfôrço tem que ser para essa transformação multi-secular. O Corpo do Divino Mestre é o padrão do que devemos ainda atingir.

A. MATTOS.

Belo Horizonte, 3/XII/945.

Trinta Anos Entre os Mortos

Autor: Dr. Carl A. Wickland

(Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

CAPÍTULO VII
Espíritos e suicídios

Grande é o número de suicídios devidos à ação possessora ou obsessora de espíritos chumbados à terra. Alguns dêsses espíritos são levados pelo desejo de atormentar as suas vítimas; outros, que terminaram suas existências como suicídas, se vêm ainda vivos e, não tendo conhecimento algum do mundo espiritual, permanecem na ilusão de que sua tentativa falhou e assim repetem seus esfôrços suicídas.

Quando tais influências entram em contacto com pessoas sensitivas, tomam seus corpos físicos como seus próprios e as impressionam com pensamentos mórbidos e as levam a atos de desespêro.

A sorte do suicída é, invariavelmente, a da mais profunda desgraça; seu ato desesperado o retem na atmosféra terrena até o tempo em que o seu corpo deveria ter o seu fim natural.

Certa vez entrámos em contacto com o espírito de uma mulher, a Sra. X., que fôra, na Europa, professora de minha Escola Dominical, quando eu era ainda rapaz e da qual a Sra. Wickland nunca ouvira falar.

Era uma senhora inteligente e espirituosa, frequentadora assídua da igreja, feliz em seu matrimônio e mãe de vários filhos. Quando mais contente e feliz parecia e, sem deixar comunicação alguma em que explicasse os motivos do seu gesto, se enforcou, sem que o marido horrorizado e os filhos chegassem a compreender o trágico acontecimento.

Dez anos após e num dia de inverno, estando só com a minha esposa, em nossa casa, em Chigado, foi a Sra. Wickland tomada por um espírito que aspirava profundamente o ar e parecia estar se afogando. Êste espírito, como tantos outros, não tinha conciência de que aquêle corpo não era o seu e, ao pôr-se em contacto com a matéria, voltava a passar por todas as angústias da sua morte.

Depois de muitas perguntas, soube, finalmente, com grande surprêsa, que ali estava o espírito de minha antiga amiga, que pusera termo à vida, enforcando-se. Achava-se ainda na atmosfera terrena e descreveu o incrível inferno mental em que vivera aqueles terríveis dez anos.

«Quando me vi fóra do meu corpo mortal, compreendi qual havia sido a causa de meu ato desespera-

do. Vários espíritos maus, atraídos para mim por pensamentos daninhos de outras pessoas, estavam a meu lado, fazendo caretas com diabólica satisfação pelo resultado do seu trabalho.

«Sua influência maligna me levára a pôr termo à vida; nunca havia pensado em tal loucura. Tive um impulso irresistível, passei uma corda em torno ao pescoço e era demasiado tarde quando me apercebi do que havia feito.

«Tudo daria para volver a meu corpo. Passei por todos os horrores do desespêro e do remorso. Meu lar destruído, meu marido desconsolado e meus filhinhos sem ninguém para cuidá-los! Ignoram que vou sempre para seu lado e faço todo o possível para consolá-los, embora tenha vivido, até agora, entre trevas e penumbras».

Depois que a confortámos e lhe demos algumas explicações sôbre o mundo espiritual, mostrou-se desejosa de seguir os bons espíritos para que lhe ensinassem a ajudar seus entes queridos, na face da terra.

Anos mais tarde e na ocasião em que tinhamos a nosso cuidado certa enfêrma com forte tendência suicida, voltou a visitar-nos, para exortá-la a que não acedesse a nenhum impulso.

Sessão de 17 de Novembro de 1918

Espírito: Sra. X. — Médium: Sra. Wickland.

Há bastante tempo que aquí estava. Disejaria dizer algumas palavras a esta jovem que pensa suicidar-se.

Há muitos anos que eu era uma esposa feliz; tinha dois filhos idolatrados e um marido mui caridoso. Viviamos felizes, porque tinhamos temperamentos alegres, daí concentrassem sôbre nós pensamentos invejosos de muitas pessoas.

Fazia então parte da Igreja Batista e não sabia que era médium. Ocupava-me, com o maior interêsse, de todas as coisas do lar, porém alguém se preocupou em destruí-lo. Certo dia, despedi-me, com um beijo, de meu marido, que ia para o trabalho. Sentia-me muito feliz, porém, subitamente, depois que êle saiu, algo se apoderou de minha pessoa.

Não sabia o que me acontecia. Não me recordo de nada. Sei unicamente que senti algo de estranho, como se alguém tivesse se apoderado de mim e não sabia o que estava ocorrendo. Algum tempo após tudo mudou. Vi meu marido presa de terrível angústia, chorando amargamente. Pouco a pouco se foram aclarando as coisas e vi meu próprio corpo, dependurado em uma corda.

Ah, se pudessem fazer uma idéia da minha situação! Meu marido estava alí no alpendre, olhando para meu corpo suspenso. Chorava desesperadamente, porém nada podia fazer para consolá-lo. E alí estava eu, a seu lado, desejando, de toda minh'alma, voltar a possuir aquele corpo. E alí estavam também os meus filhinhos, desfeitos em lágrimas, e eu nada podia fazer por eles!

Não compreendi o que havia acontecido até que ví perto de mim vários espíritos malignos que se riam de nós. Haviam se apoderado de mim e feito com que me matasse, com o fim único de destruir meu lar felíz.

Meu marido não podia jamais afastar de sua mente a visão de meu corpo dependurado numa viga do alpendre. Meus filhos eram pequeninos e tinham necessidade de meus cuidados, porém eu havia deixado toda a responsabilidade de sua educação sôbre os ombros de meu esposo. Via quanta necessidade tinham meus filhos de mim e nada podia fazer por eles. Como sofria! Pobres filhinhos!

Em certo dia muito frio senti que havia voltado a meu corpo. Ignorava onde me encontrava, porém sentia que vivia de novo. E me achei falando com o Dr. Wickland, que me explicou o que me acontecera e que eu me havia apoderado, temporáriamente, do corpo de sua senhora e que certos espíritos amigos se encarregariam de levar-me para o mundo espiritual.

Depois me senti algo melhor e hoje quero agradecer-vos por ter alcançado a bela situação em que me acho.

Quero dar um conselho a todos os que pensam em abandonar seu corpo físico.

Não recorrais jamais ao suicídio!

Não sabeis, não podeis sequer imaginar o inferno em que vos precipitareis. Se conhecesseis as leis pelas quais se rege o lado espiritual, não recorreríeis nunca ao suicídio, porque veríeis as conseqüências de tal ato, na vida espiritual. Dominai todos as idéias de suicídio. Sêde felizes no plano da vida terrestre até o momento de sê-lo no plano espiritual.

Os dez anos que sofri foi o tempo que eu deveria viver na terra, antes de passar para o plano espiritual. Depois que êsses dez anos expirassem, deixaria normalmente meu corpo; durante tal tempo ainda poderia ser útil a meu marido e meus filhos.

Agora sou tão feliz quanto posso ser até que a minha família se reuna e tudo estou fazendo para ajudar os meus filhos. Enviai a meu marido a expressão do meu amor. Êle vive debaixo da impressão de solidão. Estou a seu lado, porém nada posso fazer para consolá-lo.

Adeus.

Dar e Receber

AMADEU SANTOS

O problema de dar merece cuidado para que se não incida em êrro de interpretação. Ha muitas maneiras de dar. E tantas são elas que podem constituir um amálgama de embaraços e confusões ás pessoas menos avisadas. O dar é quasi uma ciência. O que se dá, tanto pode ser um anátema como uma benção. Depende do modo, do jeito; do saber ou não saber dar. Um fino manjar pode tornar-se em sutil veneno e uma côdea dura e negra pode constituir-se em opíparo e doce maná. Há dar que queima, que fulmina, que ofende, que deprime e que humilha. E há dar que consola, que inebria, que conforta, que alimenta e que exalta. O primeiro, é o dar-orgulho; o dar-ostentação; o dar-vaidade. O segundo, é o dar-bondade; o dar-ternura; o dar-amor. O primeiro é forçado, violento, arrasador. O segundo é expontâneo, suave e simples. O primeiro é defeito; é anomalia; é vício. O segundo é carícia; é realidade; é virtude. O primeiro é nocivo. O segundo é benéfico. O primeiro sái do exterior. O segundo sái do interior. O primeiro é o mal. O segundo é o bem. O primeiro é treva. O segundo é luz. O primeiro é ofensa. O segundo é esmola. O primeiro é hipocrisia. O segundo é sinceridade. O primeiro é corpo. O segundo é espírito. O primeiro é matéria; o segundo, coração. A matéria é quasi nada; o coração tudo!

O dar desnaturado--o que confunde e dói, é oriundo de triviais veleidades, que não da benemerência, da caridade. Pode dar-se bençãos e consolações sem se gastar dinheiro. Um conselho amigo, uma advertência fraterna, um gesto carinhoso, um pensamento amoroso, uma prece são, de ordinário, a moeda, a oferenda de quem sabe dar; de quem dá cristãmente, de acôrdo com os preceitos evangélicos.

Tinha razão o poeta quando dizia: «Nem só da mão sái a esmola; Sái também do coração». E não se diga que se não deva dar dinheiro; dar coisas e bens materiais! Tudo tem o seu valor relativo, o seu lado bom e mau, a sua feição benéfica e maléfica. E' por isso que outro poeta, dando arras a superior inspiração, afirmára que o dinheiro, tanto pode ser víl metal «como o verdadeiro presente e mimo dos Céus». E' mister, no entretanto, que o homem se não deixe escravizar pelo dinheiro, mas que êste seja escravo do homem, não para deleites materiais e prazeres efêmeros e fugazes, sim para consola-

ção e amparo dos que gemem, soluçam e choram. O dinheiro, convertido em utilidades, pode pensar feridas, curar enfermidades, lenir dôres, dirigido por corações bem formados, no sentido do belo, do útil e do agradável.

Tem razão a sabedoria popular ao proclamar: «quem dá aos pobres empresta a Deus». Quem sabe dar, isto é, quem ministra a caridade pura sem atavios nem fantasias, está emprestando a Deus; está semeando para colher cento por um, em recompensas e galardões divinos. São as alvíçaras que o Pai dá aos filhos obedientes e disciplinados que se sabem humilhar para que possam ser exaltados. Êstes recebem, e recebem muito. E' bem de ver, por consequência, que há dar e... dar. Dar, nos limites do bem, é oportuna semeadura que ensejará fèrtil colheita. Dar, no sentido do mal, isto é, na satisfação do orgulho e da vaidade, é estímulo de recompensas fortuitas, efêmeras e mesquinhas que não atingem os domínios do coração, do raciocínio e da alma. E êstes últimos, que displicentemente assim dão, desperdiçam, esbanjam, estragam e perdem. Quem faz o bem sem olhar a quem e sem esperar remunerações e benefícios materiais em troca, está recebendo, para logo, a recompensa divina e imediata, no sorriso agradecido do beneficiado; no olhar reconhecido, meigo e penetrante daquele a quem deu.

E' de bom alvitre, todavia, que se não olvide a recomendação do Mestre e Senhor Nosso, em Mateus, cap. VI, v. 1 a 4: «Dai com a direita, de maneira que a esquerda não saiba». Essa uma condição a que deve ser subordinado o doce ministério de *dar* com sabedoria e com elevação d'alma! Não se deve fazer alarida dos gestos próprios de benemerência. Os benfeitores espontâneos não aspiram ser saudados como os hipócritas, nas ruas, nem ser gloriados pelos homens. Êles dão pelo simples prazer de dar; pelo espírito de cooperação; pela compreensão de solidariedade humana. E quando dão recebem, imediatamente, a recompensa íntima no prazer de um dever cumprido. O Senhor Jesus nos afirmou em Mateus cap. VII, v. 9 a 12, que um pai não dá uma pedra ao filho que lhe pede um pão, nem uma serpente em vez de um peixe, e que Deus, que é Pai de todos e não é padrasto de ninguém, «dará bens aos que lhe pedirem». Mas recomendou-nos que, tudo que nós quisessemos, que os homens nos fizessem, lhes fizessemos também nós, porque nisto implicaria «toda a lei e os profetas». Os que aspiram saber dar devem ter sempre em mente ainda, a sapientissima advertência de Cristo: «Muito se pedirá a quem muito se houver dado». Eis aquí uma regra a que não ha fugir. Doadores e beneficiados teem aí o beneplácito das suas responsabilidades. Quem recebe muito tem que dar e dar bem. O que dá, deve fazê-lo pródigamente sem temores nem receios, certo de que faz bom uso de um dom que lhe foi confiado. E quem recebe não pode esbanjar; não deve fazer mau uso dos valores materiais e morais recebidos. Os potentados da terra, os aquinhoados da fortuna teem grandes responsabilidades a pesar-lhes nos ombros. Devem lembrar-se de que não são privilegiados, mas meros depositários temporários de bens que não são dêles, mas do Pai que está nos Céus. Os inteligentes, os erúditos, também teem grandes responsabilidades, porque já adquiriram maiores experiências no passado e estão aparelhados a discernir melhor do que os rudes, os analfabetos, que também são seus irmãos em Cristo e que em benefício dêles é mister fazer algo. E os espiritistas, e principalmente os médiuns, que são os novos profetas, teem aumentada enormemente as suas responsabilidades porque já foram agraciados com as luzes do Evangelho em espírito e verdade e, por isso mesmo, sabem melhor o que lhes compete fazer em favor do seu próximo, do seu semelhante. Muito será pedido aos que muito tiverem recebido por misericórdia e de acréscimo do Altissimo, pois que as dificuldades, os perigos, os sacrifícios e os espinhos não poderão jamais obstar a ação produtiva, fecunda e prodigiosa desses que tais. Importa que os

ricos, os sábios, os cristãos e os mèdiuns saibam que o que melhor se dá e o que mais agrada a Deus è o que se faz com sinceridade, com renúncia e sacrifício. Esta condição è o apanágio dos que dando, recebem. O que se dá, por imprestável; o que se dá de sobra; o que representa excesso, sobejo não è bem que se substime, mas tambèm não chega a ser o Bem-caridade, o Bem-amor. Note-se, que todos podem dar, ricos ou pobres. E dão melhor e mais os que, como a viuva das sagradas escrituras colocam o óbulo no gazofilácio do templo dos corações, a moeda simples e pura do amor e da caridade. Tão benéfico quão consoladora benésse, todos a podem oferecer graciosamente a qualquer hora e em qualquer dia. E' bom que entrementes, não seja olvidada a recomendação de Jesus: «Dai de graça o que de graça recebestes». Não se pode fazer alarde de dons espirituais, nem tampouco disvirtuá-los a ponto de se os tornarem em mercadoria para que se a venda em rendoso balcão. O bem deve fazer-se com simplicidade e pureza, sem atitudes e gestos humilhantes. Se, porventura encontrarmos no nosso caminho os «homens da mão mirrada», restituamos-lhes a mão nas carícias, nas atenções e desvelos que lhes devemos; se encontrarmos os «cegos» na estrada da nossa vida, restituamos-lhes a vista com a «saliva» e a «terra» do nosso amor em Cristo, lavando-lhes os olhos da alma no «tanque de Siloè» dos Evangelhos, em espírito e em verdade. E quando isto fizermos não nos importemos que os fariseus hodiernos se reunam em Conselho com os herodianos atuais, criticando-nos, tentando maltratar-nos, porque damos, em nome de Jesus, a luz do Evangelho aos insensíveis de coração e aos cegos da alma.

Façamos o bem. Demos pousada aos peregrinos da vida, no aconchêgo do nosso coração redimido, no altar da nossa conciência no Bem, na Caridade e no Amor.

Só assim è que o *dar* se converterá em sinônimo do *receber*.

Rio, 21/X/45.

Interessante Caso de Desdobramento com materialização

De «Além» — Porto — Portugal *Por Mme. MARQUES GUEDES*

Mercê das investigações dum sério e competente espírita — Mr. Desvarreux-Larpenteur, — sôbre o caso de desdobramento com materialização de que foi autora Mme. Mary Vlasek, — presidente da primeira Igreja Espiritualista de Los Angeles, e vice-presidente da Associação Espírita da Califórnia,—podemos afirmar a autenticidade do caso.

Mme. Vlasek que desde os 38 anos de idade, estuda a doutrina espírita, dedicou-se especialmente a exercícios de desdobramentos voluntários, e é justamente êste treino que lhe permitiu realizar a interessante experiência que vamos contar.

Designada para representar a Califórnia no Congresso das Associações Espiritualistas dos Estados-Unidos de 1926, que devia reunir-se em Toledo (Ohio), foi solicitada pelos membros do grupo experimental, a que ela preside, para renovar uma experiência, já uma vez tentada e parcialmente bem sucedida um ano antes, quando se dirigia ao Congresso de Milwankee. Esta experiência consistia em desdobrar-se durante a viagem e produzir uma manifestação numa das sessões do grupo, que possue um *médium* de materialização, Mme. Allyn.

Foi assim combinado que durante a viagem para Toledo, viagem de perto de 70 horas, Mme. Vlasek procuraria manifestar-se na sessão da noite de 28 de Setembro.

Saindo de manhã de Los Angeles pelo «União Pacific Railway», Mme. Vlasek preparou-se para a experiência da noite, reduzindo a sua alimentação ao mínino. A' hora da sessão, ela retirou-se para o seu compartimento e principiou a libertar-se, segundo o seu método habi-

tual, visando o local da reunião, e, concentrando a sua fôrça de vontade, ela atingiu o dito local: casa de Mme. Rosebrook, 335 E. 35th Street, Los Angeles. Ela entrou imediatamente no gabinete mediúnico, onde viu muitos espíritos que esperavam anciosamente para poderem materializar-se. Um dêles, uma mulher, que parecia o espírito-guia, cumprimentou-a, dizendo: «Vós sois uma mortal, portanto só podeis olhar».

Mme. Vlasek examinou então o *médium*, Mme. Allyn, e viu-a em transe profundo, com o corpo rígido, meio estendido no fauteuil. Mas o seu interêsse voltou-se para as fases sucessivas da operação em curso. Três espíritos que ela chama «espíritos-químicos» trabalhavam ativamente; um, era alto e muito moreno, outro, pequeno e de raça branca e o terceiro também baixo, mas moreno como o primeiro. O trabalho do primeiro consistia em recolher, agitando seus braços constantemente, uma substância azul-cinzento vibrante e formando-se como ondas de calor, produzidas pelos assistentes encarnados da reunião. Mas, apesar da substância envolver os assistentes como uma fita larga, a contribuição de cada um era muito desigual; alguns mesmo não produziam nada.

A fita partia de Mr. Allyn, sentado do lado direito do gabinete, e cercando o grupo, chegava à esquerda do gabinete, aumentando progressivamente de volume. Na sua origem, debaixo do joelho direito de Mme. Allyn, a fita tinha apenas 5 cm. de largo por 15 cm. de espessura, e, chegando ao fim, ela atingia perto de 30 cm. por 45 cm. Esta fita de substância que penetrava no gabinete mediúnico, à altura de perto de 60 cm. do soalho, era recolhida pelo primeiro espírito-químico.

A observadora notou que, entre os encarnados, muitos espíritos trabalhavam a regular a produção, de maneira a manter uma corrente vibratória constante.

Quando o primeiro «químico» tinha amontoado a quantidade suficiente de substância, êle dava-a ao segundo que a deitava sôbre a base do crâneo do médium, onde ela penetrava. E, em correspondência com essa penetração, uma matéria branca emanava do queixo, da garganta e do peito do *médium*.

Essa emanação, que parecia uma substância mais condensada, era então empregada pelo terceiro «químico» para revestir o espírito que pretendia materializar-se.

A' medida que o operador fazia o trabalho de modelagem sôbre a forma fluidica, êle recomendava imperativamente ao espírito, que concentrasse o seu pensamento na parte que materializava: Pensai na vossa cara! Pensai nos vossos olhos! etc., etc., e pouco a pouco, segundo a concentração do pensamento se dirigia sôbre tal ou tal parte do corpo, esta se formava e tornava-se material.

Durante a realização do fenômeno, os assistentes cantavam melodias; mas, quando duma melodia passavam a outra, a brusca mudança do ritmo das vibrações, tinha um efeito deplorável sôbre a formação da materialização: a substância já organizada desintegrava-se e tornava-se amorfa. Era preciso principiar de novo.

Observando êstes insucessos, Mme. Vlasek estava no gabinete mediúnico, flutuando acima do chão; mas, durante uma pausa dos cânticos, ela constata, que ficava mais pesada e pude avançar ao pé do «químico». Êste quís afastá-la, dizendo: «Vós sois uma mortal, portanto nada podeis fazer aquí»; mas pergunta-lhe contudo porque desejava ela materializar-se, e quando soube que uma manifestação dêsse gênero podia instruír os assistentes, seus amigos, e seria de grande valor para a causa, o «químico» consentiu em satisfazer o seu desejo.

Pedindo-lhe então para virar as costas, tomou a substância emanada do *médium* e envolvendo com ela o seu corpo fluídico, ordenou: Pensai na vossa fisionomia, pensai com precisão, pensai nos vossos cabelos, etc., etc. Tomando mais substância, tratou do seu vestuário e imaginou para ela uma toilete de rendas brancas.

Enfim, quando constatou que estava bastante materializada para se mostrar, ela saiu do gabinete; mas, com grande surprêsa sua, não via nada. Êste estado durou-lhe alguns instantes, e concentrando toda a sua fôrça de vontade, pouco a pouco, a vista formou-se e distinguiu, então, os assistentes. Igual fenômeno aconteceu com a voz, mas recebendo dum dos assistentes uma vibração mais forte, ela pôde dizer: Aquí estou, sou Mme. Vlasek. Todos se levantaram e se aproximaram dela e ouviram a sua voz:

«Tomai conta da hora; olhai bem que horas são; eu vos saúdo. Eu sou feliz por me terem dado o privilégio de me materializar; continuai o bom trabalho...»

De repente um choque fê-la parar; ela teve a impressão duma pancada sôbre o peito que lhe tirou a respiração e com esfôrço pôde dizer: «Já não tenho alento, adeus».

Êste choque foi motivado por um dos assistentes, o Dr H. Turner, que querendo obedecer a Mme. Vlasek para tomar conta da hora exata, aumentou de repente a luz, afim de ver melhor.

O choque tinha sido tão violento que ela perdeu a conciência de tudo e infelizmente não pôde seguir o mecanismo da sua desmaterialização.

Contudo, voltando ao seu estado fluidico, ela pôde ainda observar algumas fases ulteriores da sessão; assim, pôde ver que a substância emanada do *médium*, depois de ter servido a materialização, toma outra vez a sua densidade primitiva e volta para a fita azul-cinzento fornecida pelos assistentes. As materializações principiam a dissolver-se antes de regressarem ao gabinete e no instante preciso para a sua passagem, a maior parte da substância já tinha desaparecido. O que resta dela rasteja pelo chão e vai juntar-se à fita cinzenta e vibrante.

Depois desta extraordinária experiência, Mme. V. tendo voltado ao seu corpo físico, sentiu como uma espécie de grata e reverente exaltação.

ABAIXO A PENA DE MORTE!

DR. SOUSA RIBEIRO

Os Estados Unidos da America do Norte são, incontestavelmente, um país de elevada cultura, marchando na vanguarda das Nações mais adiantadas. Tudo lá sofre evolução, inclusive a criminalidade.

O seu atual governo encontra-se em dificuldades no momento para debelar a onda de delinquência que vai impressionando o mundo todo.

Há, lá, como em outros paises, um descontrole muito grande entre a evolução do que está dentro da cabeça e a evolução do que está dentro do coração.

Há uma modalidade de dilinquência que não existe em outros paízes, de todas elas a mais cruel: o rapto de pessoas, comumente crianças, para serem resgastadas a trôco de dinheiro, quasi sempre somas fabulosas, ou serem sacrificadas, esquartejadas, se a importância exigida não for dada, ou se a policia for avisada pelos membros da família da pessoa raptada. Os raptores são assassinos da pior espécie. Quando pegados pela polícia, sofrem sempre a pena de morte por eletrocução, quando sacrificam as suas vítimas. Muitos já têm sido presos e executados.

Como prova de que o castigo que consiste na pena de morte não é ameaça que sirva para amedrontar os de tendência criminosa e refrear a criminalidade, as execuções vão se dando e os crimes vão continuando...

A pena de morte precisa desaparecer das Constituições dos paises para que seja observado o quinto Mandamento do Decálogo que diz: «Não matarás». Ninguem se corrigirá com ela, pois a morte do corpo não implica na morte do espírito. Quem comete o crime é o espírito e não o corpo, embora êle o faça através do corpo. E' preciso que a pena seja dirigida ao espírito, visando, porém, despertar-lhe a conciência, educá-lo, instruí-lo, nas penitenciárias, onde haja escolas especiais, indústrias, agricultura, etc., onde possa o criminoso trabalhar e comer o pão amassado com o suor do próprio rosto, através do tempo, é que poderão, trabalhando e sofrendo, os criminosos se regenerar. Viver é evoluir e evoluir é receber instrução e educação. Os que são despedidos da vida pela vontade de terceiros, sendo criminosos, passam para os outros planos de existência tais quais partiram, criminosos e, ás vezes, porque revoltados, mais criminosos ficam...

Os criminosos, no nosso modo de ver, deveriam merecer dos governos mais cuidados e maior assistência que os não criminosos, pois são muito mais infelizes. Matá-los é crueldade, é cegueira muito grande.

Na Doutrina de Jesus não existe

nenhum ensinamento que autorise alguem a matar o seu próximo, a tornar-se também assassino, direta ou indiretamente, porque êle o tenha sido. O criminoso é um doente da alma e que precisa ser tratado convenientemente, tratado e não assassinado e, segundo Jesus disse «não são os bons que necessitam de remédios, mas os enfêrmos». Será remédio para um doente da alma, e remédio preconizado por Jesus, a bala, a corrente elétrica, a forca?!

Tais remédios não curam ninguem, apenas matam, mas matar não é curar e matar não é da Lei de Deus...

Nos Estados Unidos, a «lei de Lindberg» que instituiu a pena de morte para os raptores não pôs paradeiro aos raptos. Aquela lei foi criada em consequência do rapto do filho do conhecido aviador que teve aquele nome, o primeiro que fez a travessia do Atlântico em avião, dos Estados Unidos á Europa.

Os raptos continuam apesar da tal lei, sendo de poucos dias o que se deu em Chicago, de uma criança de 7 anos, cujo raptor exigira da família, num bilhete deixado no leito da criança, 20.000 dolares pelo resgate. Apesar da promessa do pai da raptada, que declarara pelas Empresas de Rádio que pagaria a importância exigida, a criança foi encontrada esquartejada.

Infeliz criança, mas estou a crer que mais infeliz ainda é o seu raptor e assassino! Onde, quando e como empreenderá a sua regeneração e alcançará a sua evolução? Quantos sofrimentos o esperam! Quantas lágrimas terá que derramar!

Crônica Estrangeira

Desdobramentos

«Estudos Psíquicos» — Por Maria Emília Gândara Viana

A minha casa estava assombrada. Não havia serviçais que se prestassem a servir-me. Ao tempo, 1922, desconhecia o Espiritismo, mas as minhas faculdades mediúnicas não me deixavam dúvidas. O que ouvia, os pensamentos que me eram transmitidos, provavam-me claramente que vivia junto de mim alguém, que em vida fôra meu algoz. Quando me julgara livre, pelas leis do meu País, viera a morte restituir ao culpado o poder de perseguir-me. E quando eu morresse continuaria a mesma perseguição? Esta idéia horrorizava-me...

Uma noite pedi a Deus que, se as almas se encontravam no Espaço, nunca a minha encontrasse aquela. A resposta não se fez esperar... Adormeci e, pouco depois, acordei, sentindo que uma mão pousava sôbre um dos meus ombros. Voltei-me e vi a meu lado, sorrindo desdenhosamente, aquêle que temia.

A despeito de deveres imprescindíveis que me prendiam no lar, deixei tudo... Parti para Lisboa em procura de espíritas. Acolhida carinhosamente, pela minha amiga de infância Maria Emília de Carvalho Gonçalves, uma das fundadoras do Centro Luz e Amor, fez-se ali um esplêndido trabalho. Levantou-se uma pontinha do véu que encobria o meu passado. O preciso para eu saber que devia perdoar e pedir perdão.

Não podia demorar-me. Regressei apressadamente a Tomar, muito atrasada ainda.

Prometera cumprir o que me ensinaram, mas no íntimo perdoava condicionalmente, impondo o mais completo afastamento.

E' claro que a perseguição redobrava. Uma noite, antes da hora habitual de adormecer, senti uma prostração irresistível. Apenas tive tempo de lançar-me sôbre o leito. E parti... Voando,—tive essa impressão —, fui ao campo, entrei numa vivenda que fôra minha residência durante o último ano que vivi em comum com o meu ex-marido. Num dos compartimentos, por entre um fóco de luz amarela, o espírito corretamente vestido de preto sorria-me com o sorriso mau com que o vira no meu leito. Por um esfôrço da minha vontade, fugi. Acordei no corpo somático. Mas duas vezes mais fôrça invisível me arrastou até junto da indesejada visão. Á minha aproximação da vivenda, alguns cães ladravam furiosamente. No dia seguinte informei-me Os

cães tinham efetivamente ladrado. Algumas vizinhas abriram as portas e as janelas, mas nada viram que justificasse o alarme.

Os locatários da casa andavam em vilegiatura... Contudo, eu duvidava, desejava que tivesse sido um sonho...

Outra noite, entre a vigilia e o sono, senti que uma mão me agarrava no braço e me levava a percorrer uma grande cidade, muito bem iluminada. Passei por várias ruas, torneei edifícios, entrei num convento, vi celas, corredores, claustros e terminei a visita numa grande igreja com dois púlpitos.

Seriam, realmente, desdobramentos? Queria sabê-lo!... E quando se quer com pertinácia, consegue-se, se o karma não se opuser.

Passadas mais umas noites, vi um quarto decentemente mobilado. A servir de tapete, uma esteira velha e rôta.

De manhã pus de parte a hipótese dos desdobramentos. Quem teria, num quarto bem posto, um tapete tão ridículo?! E assim pensando, abri a janela do meu quarto e deparei com a esteira na janela do vizinho.

No quarto que visitara no astral, dormia um bébé com a respectiva ama: esta, à noite, substituira o tapete pela esteira usada. De manhã, talvez por intuição, dependurou a esteira à janela.

Passados anos, quando o estudo do ocultismo extinguira o meu ódio muitas vezes secular, sabia até pela confissão do culpado que tinha sido assassinada em várias existências. Um dia, numa sessão, disseram-me que, num dos gêneros de morte que sofrera, fôra devorada por feras. Não dei crédito. Afigurou se-me exagêro. A experiência tinha-me demonstrado que a par de transcendentes verdades, vêm, por vezes, do astral, desconcertantes mentiras. Mas, pouco tempo depois, sonhei com feras e com uma senhora, minha parente. Ao despertar, lembrei-me de que em criança tivera muitas vezes o mesmo sonho. As mesmas feras e a mesma prima. Porque seria? Não sei se como resposta, achei-me fóra do leito e nêle vi o meu corpo transformado no corpo esbelto duma mulher de côr. Feições corretas, bem acentuadas. Nos braços e pernas, grande quantidade de anilhas, na cabeça um diadema de pedrarias. A visão foi rápida. Voltei ao corpo denso. Terei animado o corpo da preta? Seria nêle lançada ás feras que vi em sonhos? Não sei. Mentira que eu invente, não é. Possivelmente, porque menti muito em vidas passadas, na presente aborreço a mentira. E' mesmo a falta que mais dificilmente desculpo. Mas, pelo menos uma vez, também menti. Foi há quatro anos, em Maiorga. Hospedara-me em casa de uma boa família, onde existe um centenário, muito interessante, muito arguto, que, para saber com quem tratava, inquiriu das minhas convicções religiosas.

Se era católica? Há que tempo me confessara?

Respondi que o fizera pouco antes, ao deixar a minha terra. Enquanto a velhinha me fitava desconfiada, a alma de minha mãe dizia-me:

—Não, minha filha, que a mentira, por mais inofensiva que seja, mancha sempre a alma de quem a diz.

Achei tão belo o conceito, que não me canço de repetí-lo e respeitá-lo.

O estranho mistério da alma humana

O Dr. Henry Hérbert Goddard, Professor da Universidade de Ohio, publicou, em 1935 e Revue Spirit reproduziu, um livro: *Duas Almas em um Corpo.* Trata-se de uma jovem de 19 anos (gêmea) que foi hospitalizada em 1921 na clínica mental da mesma Universidade, depois de ter sido tratada em outro hospital, sem resultado algum. Norma (seu nome) ora incarnava Polly (de 4 anos), ora Luiza, com todas as sortes de detalhes e particularidades que creavam grande diferença entre as diversas personalidades. A jovem faleceu sem que a Universidade de Ohio conseguisse decifrar o enigma: Histeria? Obsessão espírita? Visões e mimetismo? Dissociação de personalidade? Mistério!

O snr. Cunéo recorda, em *Alfa* (Roma, 12-1935) que no Far West nascera uma criança. Com quinze dias de idade, chamou sua mãe e lhe falou em espanhol. Por outro lado, uma criança de 4 anos, dirigiu, em Boston, uma orquestra composta de 100 professores de música, e aos 7 anos, a criança prodígio foi incapaz de tocar um instrumento, incapaz de dirigir, porque havia perdido todos os conhecimentos musicais! Um rasgo de gênio pas-

sageiro? Mas o que é o gênio? Mistério. Si através dos séculos o homem fôsse senhor do livre exame, quantas riquezas espirituais teria êle acumulado no dia de hoje!

*

Um pacto cumprido

Em 1922, *Luce e Ombra* publicou o que abaixo reproduzimos:

«O tenente Dufauret, que tomou parte nas experiências mediúnicas em casa do Dr. Speakmann, residente em Pau e ausentando-se dessa cidade, prometeu ao casal Speakmann que, no caso de morrer, voltaria para provar aos sobreviventes que a alma é imortal. Dois anos depois, êle adoeceu gravemente de bronco-pneumonia, e durante um acesso de sufocação, abriu a janela, inclinou-se demasiadamente e caiu no pátio do Hospital Militar, morrendo instantâneamente.

Na mesma noite, pelas 24 horas, o Dr. Speakmann, senhora e snrta. Allen, com êles hospedada, encontravam-se na sala de sessões, todos entregues à leitura, quando ouviram vibrar três golpes à porta. Si bem que os criados estivessem deitados, e ninguém mais houvesse na habitação, o Dr. Speakmann disse maquinalmente: *Entrai!* sem obter resposta. Todos se levantaram, abriram a porta, procuraram nos outros aposentos; nada! O Dr. Speakmann, preocupado, disse à sua mulher: «Helena, dir-se-ia o modo habitual de bater de Dufauret». A snra. Speakmann disse então que tivera a mesma impressão. Estava ela ainda a falar quando uma viva luz brilhou no aposento contíguo, que da primeira só era separado por um biombo de vidro. Todos acorreram para verificar êste facto insólito, e constataram que no lustre central se acendera uma pequena lâmpada vermelha de 40 velas, colocada no alto do lustre e que não era usada, em virtude da dificuldade de introduzir o comutador na tomada da corrente, de sorte que o fio elétrico, com seu comutador, estava enrolado em volta da coluna central do lustre. Todos sentiram-se surprêsos, observando o fio distendido e o comutador introduzido na tomada. Concluiram que o facto de acender a lâmpada vermelha provara a intenção e inteligência da entidade invisível que provocou o fenômeno. Com efeito, se a entidade acendesse ou apagasse uma lâmpada branca, os assistentes não perceberiam o fenômeno, por estarem iluminados os dois aposentos.

Dia seguinte, o Dr. Speakmann, recebeu o comunicado da morte trágica do tenente Dufauret, sobrevinda quatro horas antes de sua manifestação ás pessoas amigas, ás quais prometera voltar, após sua morte, para lhes fornecer a prova da imortalidade da alma».

*

Impressão do Mundo Espiritual

Pertence êste episódio ao arquívo do *Journal of the S. P. R.* e data de 1709. Ocorreu ao Quaker Thomaz Say que, atacado de pneumonia, passou por morto. Contudo, o médico aproximou um espêlho aos lábios, e êste se apresentou levemente embaciado. Em consequência, foi adiado o sepultamento e, decorridas algumas horas, o pseudo morto voltou à vida. Afirmou ter se encontrado no mundo espiritual, que se lhe afigurou maravilhoso e povoado de espíritos angélicos, todos vestidos de branco, ao mesmo tempo que ondas de música celeste o arrebataram em êxtase. Ajuntou que em seu trânsito vira morrer três enfêrmos da vizinhança, cujos espíritos com êle se elevaram à morada celeste. Ato contínuo, a família mandou colher informações e, efetivamente, os três nomeados haviam falecido à noite e simultaneamente foram constatadas as afirmações prestadas pelo redivivo e relativas ao gênero de enfermidade, aos ambientes em que morreram e ás pessoas que os assistiram. Apenas o pseudo morto voltou à vida, exclamou: «Oh mamãe! mamãe. Porque não dei eu um último passo na minha enfermidade, para não mais tornar atrás!» Depois rompeu em soluços, e ajuntou: «Oh, meu Deus! porque não me retiveste junto a Ti!»

Sêde constantes no labôr espiritual; não vos encomodeis com as cousas que só dizem respeito ao homem do mundo; vivei em espírito de fraternidade, porque só assim sereis felizes. — GREGORIO.

ESPIRITISMO NO BRASIL

«Rádio-Piratininga»

A União Federativa Espírita Paulista, recebeu um donativo de 450 lotes de terreno para vender e auxiliar a Rádio Piratininga, que está fechada ha quasi três anos e meio, causando-lhe essa paralisação, graves prejuizos.

A Rádio Piratininga é uma emissôra que foi construída especialmente, para divulgar os Evangelhos de Jesus em espírito e em verdade. Portanto, deve merecer a atenção de todos os espíritas esclarecidos e honestos.

A Rádio Piratininga, para os espíritas, não representa um valôr puramente material, mas, a sua TORRE, levantada como foi, para a propagação dos Evangelhos de Jesus, representa o próprio ideal da família espírita brasileira. Se a TORRE da nossa emissôra é de aço, as nossas atitudes em pról da causa que esposamos, também, devem ser inabaláveis.

Meus confrades, nada de ressentimentos entre espíritas. Somos servos de Jesus e isso deve nos bastar para sabermos perdoar uns aos outros.

Defender a Rádio Piratininga é defender a dignidade da família espírita brasileira, que vem sendo caluniada e perseguida subterrâneamente, pelos falsos mentores religiosos de nossos dias, assim como o fôra Jesus Cristo, quando descera neste plâno para exemplificar os Evangelhos á pobre humanidade.

Com respeito à Rádio Piratininga, diz o iluminado instrutor, em sua mensagem á nós dirigida por intermédio de Francisco Cândido Xavier:

«Recordemos que na mais bela missão do mundo, a cruz que representava derrota aos olhos do mundo constituia o triunfo imperecível do espírito. No círculo das idéias e obras generosas do Evangelho, o Calvário costuma repetir-se. São momentos de testemunho, nos quais o discípulo precisa entregar todas as preocupações ao Mestre Amado, conciente que a obra é Sua, filha de Seu amor divino e inesgotável».

Sim, companheiros de ideal! A Rádio Piratininga não é obra pessoal de nenhum espírita, ela foi inspiração do ALTO, e como tal, é obra de Jesus.

As perseguições tenazes, concientes ou inconcientementes movidas contra a referida emissora, na verdade, não são a ela, mas, contra ao PROGRAMA ESPÍRITA EVANGÉLICO DO BRASIL, que pelo seu microfone era irradiado diariamente, pelos CÉUS do Brasil, iluminando as almas seguiosas de conhecimentos das verdades Evangélicas.

Se a Rádio Piratininga, se ocupasse tão-sómente com os assuntos comerciais, certamente, que estaria funcionando livremente, como todas as outras, até agora, mesmo que atacasse o Governo, como têm feito muitas estações, impunemente. O mal está, meus confrades, na divulgação dos preceitos Evangélicos, pois que, nos parece, que ha grande interêsse em manter a humanidade sempre ignorante dos ensinos de Jesus.

A Rádio Piratininga, deve voltar ao AR novamente, custe o que custar, pois que, é um desrespeito à família espírita brasileira, que conta hoje com uma terça parte da população do nosso País, a sua extinção.

Queremos a reintegração do prefixo da nossa estação, pois que, nos foi tomado arbitrariamente e sem prévio aviso, tratando a família espírita, como se fôra uma coletividade composta de ignorantes e creaturas à parte da família brasileira.

Não, confrades! Somos cidadãos que contribuimos com todos para a grandeza de nossa Pátria, e portanto, nos assiste o direito de reclamarmos do Governo a reintegração do prefixo da nossa emissora, de maneira a podermos divulgur os Evangelhos de Jesus à luz da Terceira Revelação. Essa é a vontade dos espíritas e o nosso Governo não poderá negar.

Desejamos ser respeitados em

tudo, e especialmente na propagação do nosso ideal Evangélico.

Como disse, a União Federativa Espírita Paulista, recebeu um donativo de 450 lotes de terreno, em Poá, subúrbio da Capital Paulista, para vender e auxiliar a Rádio Piratininga, para que, possa voltar ao AR, continuando, assim, a espargir pelo quadrante da Terra brasileira, as verdades consoladoras.

Os terrenos são compostos de 10x45, ou seja, 450 metros quadrados. Serão vendidos a vista a razão de 3.000 cruzeiros e a prestação a 4.000 cruzeiros o lote, com 20% de entrada e o restante em prestações mensais de 54 cruzeiros, ou seja, em 60 mêses.

O espírita que adquirir um lote, deve considerar que está auxiliando a causa e contribuindo pela volta ao AR da Rádio Piratininga, que fará vibrar, novamente pelos Céus de nosso querido Brasil, os preceitos de amôr e luz, do Divino Mestre Jesus.

As remessas devem ser feitas e endereçadas à União Federativa Espírita Paulista — Praça da Bandeira, 134 — S. Paulo — Caixa Postal, 2071 com Telefone, 2-8708.

Com os votos de paz e prosperidade, aceitem os confrades o abraço fraternal do companheiro humilde,

CAETANO MERO.
Presidente

I Congresso Espírita da Alta Paulista

A realizar-se em Marilia, de 30 de março a 4 de abril de 1946

MANIFESTO

Aos Espíritas de S. Paulo e de todo o Brasil

RESOLVERAM os dirigentes do movimento espírita de Marília, no cumprimento dos seus deveres de propagadores dos princípios cristãos do Espiritismo, organizar o Primeiro Congresso Espírita da Alta Paulista, que se realizará nesta cidade, de 30 de Março a 4 de Abril do corrente ano.

Todos os centros, grupos, associações e demais entidades espíritas existentes na região, de Duartina até a Zona da Mata, são convidados a apresentar sua adesão, o quanto antes, por carta ou pessoalmente, à Comissão Executiva do Congresso, no seguinte endereço: Avenida Carlos Gomes, 540, ou Caixa Postal 45, Marilia.

Os espíritas de Marilia apelam a todos os confrades da região, no sentido de auxiliarem a organização deste primeiro congresso, de todas as maneiras ao seu alcance. Da união de esforços de todos os espíritas da Alta Paulista, da abnegação, da dedicação geral em favor da grande causa do Espiritismo, depende a realização eficiente do nosso Primeiro Congresso, que deverá resultar numa maior coesão do nosso movimento em toda a região, num maior entendimento entre os que lutam na seára espírita, e numa mais ampla compreensão da doutrina, tanto pelos adeptos quanto pelo povo em geral.

Como humilde homenagem dos espíritas da Alta Paulista ao luminoso espírito de Allan Kardec, o codificador da doutrina, o Congresso terá início no dia 30 de Março, véspera do transcurso do aniversário da desincarnação do grande batalhador, e será aberto na cidade de Tupã, durante a solenidade de inauguração da séde da «União Espírita Allan Kardec», que acaba de ser alí construída. Nos dias 31 de março, e 1, 2, 3 e 4 de Abril, os trabalhos prosseguirão em Marilia, onde serão encerrados no dia 4, quinta-feira, com uma grande solenidade pública.

INSCRIÇAO PARA ALOJAMENTOS

Havendo dificuldades de alojamentos para os congressistas em Marilia, a Comissão Executiva organizou um serviço especial de reserva de lugares para todos os que desejem participar do Congresso. Os interessados deverão pedir suas reservas de alojamento no mesmo endereço acima citado, até o dia 20 de Março, e terão seus lugares garantidos, por maior que seja o número de pedidos. Aos que, porém, não pedirem reserva até aquela data, a Comissão não poderá garantir alojamentos.

INSCRIÇÃO DE TESES

As teses para o Congresso deverão ser apresentadas em papel ofício, datilografadas a dois espaços, em duas vias, e num máximo de 10 páginas.

Devem ser enviadas, até o dia 25 de Março, ao endereço acima mencionado.

As teses podem versar sôbre qualquer assunto de interêsse doutrinário. A Comissão sugere, para maior facilidade os seguintes temas: «O Espiritismo em face da crise mundial», «Espiritismo como Religião», «O Espiritismo e a construção de um novo mundo», «Espitismo através dos tempos», «O Evangelho, as Igrejas, e o Espiritismo», «Materialismo e Espiritualismo Científicos», «Difusão do Espiritismo», «Vida e Conduta Espíritas», «O Espiritismo e as Religiões», «Espiritualismo Utópico e Espiritualismo Científico», «Unidade e Dinamismo da Doutrina Espírita», «Prática do Espiritismo», «Espiritismo e Cristianismo».

ADESÕES E CONTRIBUIÇOES

As adesões ao Congresso não importam em pagamento de qualquer contribuição. Os congressistas de fóra terão de fazer apenas as despesas de viagem e estada nesta cidade. Os espíritas, porém, que desejarem contribuir financeiramente para a realização desse movimento, deverão enviar suas contribuições para o endereço acima, ou simplesmente para: Comissão Executiva do I Congresso Espírita da Alta Paulista, caixa postal, 45, Marilia.

AOS ESPÍRITAS DE TODO O BRASIL

Aos espíritas das zonas Sorocabana, Noroeste, e Paulista bem como aos das demais zonas do Estado, e aos espíritas de todo o Brasil, a Comissão endereça um ardente convite, para participarem do Primeiro Congresso Espírita da Alta Paulista, contando desde já com a elevada compreensão e valiosa colaboração de todos.

Os estudiosos que, por qualquer motivo, não puderem comparecer, poderão contribuir com a apresentação de teses, — contribuição, aliás, que a Comissão considera do mais alto valor, para o bom desenvolvimento e êxito do Congresso.

Certa de que os meios espíritas de todo o Estado e do País, e particularmente os da Alta Paulista e suas zonas adjacentes, — a Noroeste e a Sorocabana, — darão todo o seu apôio à realização deste movimento, a Comissão aguarda a colaboração de todos.

Marilia, 5 de fevereiro de 1946.

A Comissão Organizadora:

Euripedes Soares da Rocha
Higino Muzzi Filho
Paulo Corrêa de Lara
Marcel Veloso
José Duarte
Antonio Rocco Junior
Helio Tavares
Mario Chuba
Manoel Pinto Ribeiro
Gabriel Ferreira
Dr. Manuel de Paula Cerdeira
Dr. Paulo da Cunha Matos
Santos Xandó Araujo
José Herculano Pires

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extensò; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor. José da Costa Filho — *Redator: Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e Ecos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$20,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	25,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	30,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	45,00

NUMERO AVULSO CR. $2,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :-: Rio de Janeiro